

MAKING OF DE UMA VIDEOAULA: NARRATIVA DE UMA CRIAÇÃO DOCENTE NA PANDEMIA DA COVID-19

MAKING OF A VIDEO CLASS: NARRATIVE OF A TEACHING CREATION IN THE COVID-19 PANDEMIC

Luciana Ferreira dos Santos Vaz ¹

Resumo: O trabalho docente é permeado por atividades diversas, sendo uma delas, a criação de estratégias pedagógicas. Dentre os recursos didáticos mais utilizados está a aula expositiva, e essa foi modificada em função da pandemia da COVID-19 com uso de tecnologias digitais. Objetiva analisar a experiência de uma professora que transformou suas aulas de PowerPoint em videoaulas para promover seu exercício profissional durante o ensino remoto. A pesquisa descrita neste artigo possui abordagem qualitativa sob a metodologia da pesquisa narrativa. O processo de elaboração do novo formato foi lento e progressivo, devido à falta de letramento digital. Por meio de visitas a memórias do passado, foi possível refletir sobre a repercussão de tal experiência em ações laborais futuras e na própria formação pedagógica da docente. Ao finalizar a narrativa, ela se descobre diferente e percebe os pontos positivos no seu ser docente, gestados no período da pandemia.

Palavras-chave: Formação de Professores. Técnica Didática. Ensino Remoto. COVID-19. Narrativa.

Abstract: The teaching work is pervaded by different activities, one of which is the creation of pedagogical strategies. Among the most applied didactic resources is the in-person class, which was reshaped due to the COVID-19 pandemic with the use of digital technologies. The objective is to analyze the experience of a teacher who transformed her PowerPoint classes into video classes to boost her professional practice during remote teaching. The research described in this article has a qualitative approach under the methodology of narrative research. The elaboration process of the new format was slow and progressive due to the lack of digital literacy. By looking into past memories, it was possible to reflect both on the impact of such an experience on future work actions and the teacher's own pedagogical development. At the end of the narrative, she discovers herself to be different and recognizes positive points in her being a teacher, engendered during the pandemic period.

Keywords: Teacher Education. Didactic Technique. Remote Teaching. COVID-19. Narrative.

¹ Graduada em Enfermagem (pela UFTM) e em Pedagogia (pela UFSCar). Mestre em Ciências da Saúde e em Educação (pela UFTM) e doutoranda em Educação (pela UFTM). Docente do Centro de Educação Profissional (CEFORES/UFTM) em Uberaba, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5459037941777903>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0667-8221>. E-mail: Luciana.vaz@uftm.edu.br

Prefácio: navegando pelos caminhos do conhecimento

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1996, p. 18) revelou-nos a necessidade de ensinar com estética e ética, ou seja, “decência e boniteza de mãos dadas”. Além disso, incentivou-nos a enfrentar os desafios percorridos no caminho docente, vencendo as tentações do comodismo, da mesquinhez e ensinando com criticidade. O autor enfatizou que “divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado” (Freire, 1996, p. 18), e, que o pensar certo e com profundidade é necessário no caráter formador do docente. Para tanto, os docentes podem e devem participar de mudanças que contribuam para uma sociedade coerente.

Na pandemia da COVID-19¹, o professor saiu da sua zona de conforto e teve que criar formas de ensinar com o uso inesperado das tecnologias digitais. Ferreira, Ferraz e Ferraz (2021, p. 340) descreveram que o trabalho do docente “se mostrou/mostra complexo, às vezes conflituoso; envolve escolhas; exige organização e planejamento; enfrentamento as limitações das capacidades físicas e mentais do professor; é agir sobre o contexto”. Dessa forma, tanto aqueles que demonizavam, quanto os que divinizavam a tecnologia, obrigatoriamente buscaram formas de usá-la, sendo que a ética e a boniteza tiveram que se encaixar no novo modelo possível de realizar o processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa narrativa é uma possibilidade de narrar que permite “a percepção da necessidade de mudanças”, e que possibilita “outras ações de ensino” além de ser um “instrumento potente da construção de saberes da experiência” (Simas; Prado; Segovia, 2019, p. 991). A abordagem (auto) biográfica “imprime a organização da trajetória pessoal e profissional, a reflexão sobre as práticas, a construção de novos conhecimentos” (Sousa; Cabral, 2015, p. 151). Por isso, a oportunidade de descrever as experiências vivenciadas pelos professores e as transformações realizadas nos recursos pedagógicos no período pandêmico podem contribuir para o seu processo de formação.

Narrar é um processo cotidiano constituído por “fragmentos narrativos” que acontecem no espaço, e no tempo, demarcando um período histórico (Clandinin; Connelly, 2015, p. 46). Na metodologia da pesquisa narrativa há um elemento chave que é a ênfase na “experiência dos pesquisadores ou dos pesquisados” (Vilela; Borrego; Azevedo, 2022, p. 77). Essa metodologia de pesquisa contribui na formação de professores, pois, segundo Clandinin e Connelly (2015) é por meio da narrativa que as pessoas revivem suas experiências e as compreendem. Essa reflexão sobre a experiência pode mudar a forma educacional de um docente.

Este artigo narra uma experiência de criação docente realizada por uma professora durante a pandemia da COVID-19, com o objetivo de analisar suas memórias sobre a sua prática e as influências nas ações laborais futuras e na sua formação continuada.

Uma narrativa de experiência do trabalho docente

A docência se constrói, no decorrer dos anos, de forma complexa e com uma vertente interativa: a relação do humano com o humano é o cerne da profissão. Tardif e Lessard (2011) adotaram o conceito de docência como uma atividade em que o trabalhador é um ser humano, e se dedica a outro ser humano, o qual nesse caso é seu objeto de trabalho, ressaltando a importância da interação de ambos para o trabalho acontecer. Ferreira, Ferraz e Ferraz (2021) corroboraram sobre o tema interação e descreveram que o trabalho educacional é uma atividade em que, por meio da linguagem, se estabelecem interações entre os indivíduos e que, no período da pandemia, essa função entre os sujeitos ficou prejudicada, o que provocou uma precarização do trabalho do profissional docente.

No ato de interagir, há vivências profissionais que podem ser narradas com o objetivo de pesquisa para favorecer o processo de ensino e aprendizagem para os educadores, e que ecoam no discente. As contribuições de narrativas na formação de professores são importantes e são, atualmente, uma das possibilidades de aprendizado por meio da “problematização, revelação,

¹ Doença causada pelo novo coronavírus e caracterizada por apresentar síndrome respiratória aguda grave segundo a Organização Pan-Americana de Saúde.

compreensão e o processo de reflexão” (Sousa; Cabral, 2015, p. 149).

Contudo, para demonstrar a relevância de uma narrativa, é necessário contextualizar as histórias dentro do processo de rememoração numa perspectiva social, econômica, política e educacional, sem ignorar a perspectiva individual e sua singularidade (Sousa; Cabral, 2015). É nas lembranças do encontro com o outro que se reflete sobre os pontos de divergências e convergências que podem ou não, promover os aprendizados por meio da reflexão e da análise dessas posturas.

A narrativa articula o pessoal com o profissional e enxerga o professor como “sujeito ator e personagem ao mesmo tempo”, nesse momento, há um processo de formação e de investigação que demonstra vários aspectos do fato narrado promovendo a compreensão de situações da prática vivida (Sousa; Cabral, 2015, p. 153). A pesquisa narrativa é uma opção metodológica que contribui para a formação docente e promove a aprendizagem por meio de uma visita ao passado para construir o presente que pode contribuir para a construção de um novo futuro (Sousa; Cabral, 2015).

Narrar uma experiência criativa de um docente pode contribuir para a formação inicial e continuada dos leitores deste artigo encorajando-os a discorrerem sobre suas próprias experiências profissionais. Além disso, a primeira beneficiária dessa forma de pesquisa é a autora, pois ao escrever também analisou suas memórias, e com isso, transformou sua prática laboral, se (re)formou e se permitiu um novo caminho para seu ser docente.

O meu trabalho docente no período da pandemia da COVID - 19

Em 2019, eu tinha 21 anos de carreira e acreditava que já conhecia sobremaneira as ferramentas pedagógicas, pois havia aprendido várias dinâmicas e recursos no contato direto com os discentes. Mas, em março de 2020, o medo acercou o meu ser docente, porque nos foi proposto trabalhar de forma remota e com ferramentas tecnológicas, por um motivo que foi destaque mundial: um vírus desconhecido, de alta transmissibilidade, com morbidade incomum e índice de mortalidade aumentado, culminando na pandemia da COVID-19 (Brasil, 2021).

O ano letivo de 2020 começou de forma costumeira, porém, no mês de fevereiro, a situação conhecida em outros países chegou a São Paulo e, em março, nos demais estados brasileiros (Brasil, 2021). Várias medidas sanitárias emergenciais foram implantadas para minimizar o impacto que o vírus provocava nos índices de morbimortalidade, dentre elas citam-se: distanciamento social, medidas de higiene ambientais e pessoais, uso de máscaras faciais e, ainda, o fechamento das escolas e universidades por tempo indeterminado (Organização Pan-Americana Da Saúde, [2020?]).

Os discentes ficaram isolados em suas casas até que alguma mudança no quadro internacional acontecesse para permitir a retomada das aulas. Eu, professora, também isolada, sem políticas públicas educacionais para o enfrentamento da pandemia, aguardava novas condutas. Meses depois, surgiu a proposta do ensino remoto e, além de vivenciar a pandemia e todo o sofrimento em seu entorno, precisei pensar em maneiras de retomar minha vida profissional alinhando-a a algo próximo da normalidade. A universidade propôs o uso dos meios de comunicação, a *Internet*, as tecnologias digitais. No ambiente de trabalho há um esforço coletivo, com incontáveis diálogos e auxílio mútuo entre os educadores para aprender, em tempo recorde, como promover o ensino e a aprendizagem remotamente e como usar a tecnologia digital de forma educacional. Nesse momento, me senti impotente e ignorante, contudo, a vontade de impulsionar a vida profissional dos discentes me fez buscar o letramento digital aos 22 anos de carreira, que segundo Mill (2018), tratava-se de apropriar-me das tecnologias digitais de comunicação e informação.

Insegura e ansiosa tive que promover as estratégias digitais que trouxessem o discente para o novo ambiente escolar: a sala de aula virtual. Mergulhei em capacitações por iniciativa própria e a universidade se programou para ofertar ferramentas gratuitas para os docentes e os discentes. Mas há algo que interfere, profundamente, na apropriação das possíveis estratégias educacionais remotas, foi a desigualdade social e econômica. Os discentes não dispunham de dados móveis suficientes para assistir às aulas síncronas e, em sua maioria, contavam com telefones celulares nem sempre de boa tecnologia e não possuíam *notebooks*, o que dificultava a realização das atividades que exigiam a produção de texto. Eis meu primeiro desafio docente: como aplicar as estratégias

pedagógicas acessíveis, instigantes e eficientes?

A importância da criação no trabalho docente

A inventividade é importante no trabalho docente, sendo reconhecida no âmbito educacional como um item imprescindível e uma característica necessária. Para tanto, uma das competências socioemocionais que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe para ser estimulada na formação dos discentes, desde a educação infantil, é a criatividade. Espera-se que estes se tornem sujeitos criativos e busquem as soluções de problemas de forma inovadora. O pensamento criativo “exercita a curiosidade intelectual e recorre à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação”; tudo isso possibilita a “resolução de problemas e a criação de soluções”, por meio da interação de diversos conhecimentos em diferentes áreas (Brasil, 2017, p. 9).

Diante das escolas fechadas e da implantação do ensino remoto, o professor desenvolveu estratégias que impulsionaram e mantiveram a promoção de atividades educacionais (Ferreira; Ferraz; Ferraz, 2021), e a criatividade foi uma das competências largamente utilizadas para esse fim.

Na área de educação, o uso de atividades originais e inovadoras, principalmente com o uso dos recursos tecnológicos foi possível melhorar o ensino e estimular que o discente também fosse criativo, a partir do exemplo do docente (Braun; Fialho; Gomez, 2017). As histórias pessoais narradas são meios de conhecer a prática e a experiência de outros professores que também relembram suas vivências e realizam a autocrítica. Esse encontro de vivências e a reflexão sobre elas contribui para novas criações e mudanças no comportamento do docente que “exploram os limites da experiência” (Sousa; Cabral, 2015, p. 153) lembrando, contudo, que, para que a prática docente seja criativa é necessário o empenho de maior tempo, boa vontade e perspicácia.

Making of de uma experiência de criação docente

A aula expositiva é um tipo de atividade docente marcada pela interação entre as pessoas: o trabalho acontece com - para - pelo ser humano. Contudo, no período da pandemia da COVID-19, o modelo de aula anteriormente conhecido, foi reconfigurado. A necessidade de atender às medidas sanitárias para mitigar os efeitos da pandemia diversificou os formatos de aula passando a ser utilizados os recursos digitais e didáticos que prejudicaram a interação professor/aluno e o docente reinventou seu trabalho e sua rotina, o que por vezes resultou num ponto limitador (Ferreira; Ferraz; Ferraz; 2021).

No meu caso, transformei as aulas com conteúdo teórico que estavam em *PowerPoint*, em videoaulas que foram postadas em plataformas digitais. Descrevo meu processo de imersão na criação de uma dessas videoaulas e o quanto esse momento foi importante, tanto para o meu aprendizado, quanto para me aproximar novamente da atividade laboral, apesar do medo da continuidade do período pandêmico. O *making of* foi trabalhoso, desgastante, mas primoroso para uma iniciante. Foi também, um momento renovador para uma docente incomodada. Nesse período, lembrei-me de que “ensinar exige estética” (Freire, 1996, p. 18) e, por isso, optei por uma elaboração artística, escolhendo uma nova roupagem, rica em detalhes, para os *slides*.

O conteúdo teórico estava pronto e baseado em um livro indicado que o discente já possuía e usava. As pesquisas de vídeos na *Internet* foram para aprender como transformar um *PowerPoint* tradicional em um recurso que abarcasse a aprendizagem de algo prático, que antes eu só fazia em laboratório. A imersão e a produção aconteceram com a procura por um saber tecnológico aliado a um saber didático que atendessem à necessidade de compreensão dos discentes. Para tanto, nos *slides* escritos e com as imagens estáticas coloquei a minha voz e um vídeo, filmado por minha filha, onde eu executava a técnica, sozinha, no laboratório que antes era repleto de olhares curiosos. E, para chegar nesse fim, conheci novas possibilidades tecnológicas. Meus *slides* se tornaram um filme porque tinha movimento e voz. Em anos passados eu não acreditaria que seria capaz de fazer um curta-metragem, e é por esse motivo que acredito que a educação alcançou pontos positivos no período da pandemia da COVID-19.

O *PowerPoint* é uma ferramenta conhecida por mim, de longa data. Entretanto, sempre usei poucos recursos, somente aqueles que me atenderam por todos esses anos de sala de aula. Comecei a maratona de tutoriais sobre as possibilidades do *PowerPoint*, agora com outra visão, um “olhar pandêmico” que almejava o interesse do discente pelo tema abordado. Meu olhar esperava proximidade apesar da falta de interação, mirava um lugar desconhecido: o mundo atrás de uma tela. Encontrei um novo uso para a mesma ferramenta, e por que não dizer, desabrochou uma nova versão da “velha” professora.

A vontade de instigar o discente fez a criação de um simples *design* ser um grande desafio, afinal, o fundo do *slide* pode dizer muito. Descubri locais gratuitos que disponibilizavam *templates* de apresentações prontas, sofisticadas e criativas. E, nesse processo de criação, encontrei a importância da paleta de cores, para uma apresentação atraente, informacional, concisa, coesa e, não cansativa, parafraçando o patrono da educação, com “boniteza”.

Aquilo que se faz em sala de aula, presencialmente, em quatro horas práticas, precisava ser feito remotamente, de forma atrativa e destacando os pontos importantes do procedimento a ser estudado. Optei, portanto, por distribuir o conteúdo em sete videoaulas curtas com tempo máximo, aproximado, de 15 minutos. Como o conteúdo era conhecido por mim, precisava transpor para o *slide* o encantamento que existia na aula prática e, uma forma de aproximar-me dos discentes, foi colocar um espaço no *slide* para aparecer o meu rosto. O interessante é que o *PowerPoint* permite colocar a própria imagem onde se quiser. Então, eu brincava de esconde-esconde com o discente. Num *slide* eu aparecia à esquerda, no outro aparecia à direita, às vezes, em cima ou embaixo e para mudar, até no meio do *slide*.

O *PowerPoint* permite gravar com imagem e som ou só a voz; usei as duas opções. Percebi que somente a voz exige mais atenção do discente, então, utilizava esse recurso em momentos estratégicos. É possível, também, gravar um *slide* por vez. A grande vantagem disso é a possibilidade de edição de cada *slide* sem alterar os demais que estão corretos. A gravação foi um passo difícil no contexto do trabalho remoto. Todos isolados em casa, ficava complicado encontrar um lugar privativo para improvisar um estúdio, mesmo um lugar sem o brilhantismo da frase “luz, câmera, ação”. Na minha criação, a luz foi a do universo, a acústica, da própria casa e a câmera foi mesmo a do *notebook*. Várias negociações foram feitas e, então, eu torcia para que a campanha não tocasse, a cachorra não latisse, os carros de som não passassem na minha rua, e para que a família ficasse em silêncio. Escolhi os finais de semana e o período da manhã. Gravei na varanda e a música de fundo foi o som das maritacas da mata ao lado de minha casa e um abençoado bem-te-vi que veio cantar e encantar meu áudio, além de me acompanhar como telespectador por alguns segundos.

Antes de gravar, cuidei minuciosamente do *look* do dia: maquiagem, penteado, brincos vistosos. Não contei com equipe de figurinistas, cabeleireiros e maquiadores, mas com todo o respeito que tenho pelo meu trabalho, pensei em cada detalhe. Desejei impressionar quem me veria pelas telas digitais. O amor pela docência é imenso, por isso, cuidei de mim e apareci na telinha dos discentes feliz e empoderada. Detalhe que foi percebido por eles e declarado nos encontros síncronos.

Outra descoberta foi como falar olhando para o discente que está do lado de lá da minha tela. Nos cursos gratuitos e on-line aprendi que ao falar deve-se olhar para a luz da câmera, para que seu olhar se encontre com o outro. Testei e percebi que realmente é essa a impressão. Contudo, olhar para uma luz foi desconfortável. Esforcei-me, olhei para a câmera, vesti-me de atriz e criei minha personagem: a professora do ensino remoto. Incorporei a personagem e senti-me em sala de aula. Então, mexi as mãos, olhei para o lado, balancei o corpo. Parecia que alguém estava bem perto de mim. Foi prazeroso apesar da falta de *feedback* e dos olhares dos alunos.

O mais difícil foi ensinar a técnica propriamente dita. Não encontrei vídeos que pudessem se aproximar do conteúdo da minha aula. Então, fui ao laboratório e realizei a técnica com uma dor no fundo do peito. Afinal, antes, aquele lugar estava sempre cheio de olhares curiosos. Fiz um registro fotográfico de cada passo, dos erros mais comuns e um vídeo seguindo a padronização da minha instituição de ensino. Sei que cada aluno tem uma forma de aprender, então disponibilizei um texto da padronização, artigos de reflexão, e, a videoaula que continha o passo a passo em fotos, de forma estática e a videoaula que continha o vídeo com o procedimento de forma dinâmica. Os discentes podiam assistir mais de uma vez associando o que viam com a leitura descritiva da

técnica. Nas videoaulas, fiz uma descrição de cada passo com minha voz. Dessa forma, o discente usava a habilidade de ver e de ouvir, o que aumentava as chances de ancorar o conhecimento. Um momento da videoaula está na figura 1.

Figura 1. Parte da videoaula sobre luvas cirúrgicas



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Outro ponto na preparação dos *slides* que atrai o discente é a utilização dos recursos de transição e de animação. Eu já utilizava esse tipo de recurso nas apresentações expositivas, mas quando os *slides* se transformam em videoaula esses recursos promovem um efeito todo especial. Explorei várias transições. Além disso, na demonstração da técnica as animações faziam conexão com minha fala, ou seja, eu colocava animação naqueles pontos-chaves da técnica. Essa transição pode ser verificada na figura 2.

Figura 2. Efeito de transição



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Isso é um processo criativo lento. Ao visualizar cinco minutos de uma videoaula, não se imagina o tempo do *making of* e o quanto há de criatividade e esforço intelectual nessa atividade. Para tanto, é preciso tempo e disposição. Gostei do resultado e espero continuar usando essas ferramentas com “estética” nas minhas aulas presenciais.

Slide feito, gravações realizadas, usei o recurso do *Power Point* de exportar a apresentação para videoaula. Isso demora um pouco, talvez pelo fato de meus *slides* terem muitas fotos. Transformado os *slides* em um vídeo, no formato *MP4*, falta disponibilizar para o discente. O arquivo ficou grande, então, aprendi a postar no *Youtube*. Eureka! Mais uma conquista: agora eu tenho um canal no *youtube*. Coloquei o vídeo no meu canal e essa estratégia foi ótima, porque para o discente o manuseio é fácil. Afinal, já estão habituados a usar o *Youtube* em outras situações. Enfim, terminei

a tarefa árdua e cuidadosa de ensinar de forma “ética”, um procedimento prático sem o uso do laboratório e, apesar dos anos de experiência, saí da zona de conforto e, com esse movimento, consegui viver descobertas e possibilidades educacionais, que eu nunca imaginaria ser capaz de ousar antes da pandemia da COVID-19.

O eco de uma criação docente na virtualidade

Narrar essa criação docente possibilita a percepção de mudanças na forma de ensinar e nas estratégias pedagógicas. Como já citado anteriormente, “narrar e pesquisar a própria prática mostraram-se instrumentos potentes da construção de saberes da experiência” (Simas; Prado; Segovia, 2019, p. 991). O uso da pesquisa narrativa permite a formação do profissional que, por intermédio de uma revisita ao passado, pode refletir sobre seu presente e, se assim desejar, pode construir um futuro mais reflexivo e diferente, reconhecendo a relevância das próprias experiências (Simas; Prado; Segovia, 2019).

A experiência docente criativa aqui narrada, após postada em plataformas digitais e enviada aos discentes por meio da *Internet*, propagou-se e ainda percorre caminhos incalculáveis, pois, a videoaula pode ser assistida e compartilhada inúmeras vezes. Chiecher *et al.* (2023) verificaram os benefícios da virtualidade no trabalho híbrido exercido durante a pandemia e concluíram que essa proposta pode melhorar o desempenho acadêmico no pós-pandemia (Chiecher *et al.*, 2023, p. 1).

As propostas que “aliem presencial e virtualidade, e que capitalizem o aprendizado sobre as tecnologias e seus usos educacionais alcançados pelos professores durante a pandemia” são positivas (Chiecher *et al.*, 2023, p. 8). Apesar de todos os problemas identificados para otimizar a educação no período da pandemia é possível que, em um momento de crise, essa educação seja reinventada, cabendo à sociedade determinar qual caminho escolher após a crise (Prata-Linhares *et al.*, 2020). As estratégias pedagógicas colocadas em prática em um momento emergencial podem contribuir para as novas aprendizagens em estratégias pedagógicas presenciais. É importante que o docente avalie, reflita e aprimore o que já fez e esse movimento deve ser ininterrupto para a sua própria formação, permitindo um novo e peculiar período pós-pandemia.

Após essa criação e a volta às aulas presenciais realizei uma reflexão com os discentes e com a equipe com quem trabalho para verificar a permanência ou não das videoaulas. Todos relataram inúmeros pontos positivos nas videoaulas, mas concordaram que a atividade presencial traz uma interação pessoal e uma troca de experiências que agrega muito conhecimento para ambos, docente e discente. Passados três anos desse período atípico adotei um modelo híbrido. As aulas expositivas retornaram com as aulas presenciais, mas agora muito mais dialogadas, pois, as videoaulas foram disponibilizadas na sala de aula virtual, criada na plataforma *Moodle*, uma semana antes de a aula ser ministrada. Dessa forma, os discentes já chegam na sala de aula com as opiniões e os questionamentos, e mostram-se mais maduros e seguros em relação ao tema, e o professor tem condição de abordar as reflexões mais profundas e promover a criticidade sobre os assuntos pontuais e relevantes de cada procedimento.

Nas cercanias das minhas transformações

Não sou e não posso ser a mesma professora depois de viver três anos de pandemia. Guardo na memória o medo e o luto, mas também o aprendizado e a vida. Não estou entre os milhares de brasileiros mortos pela COVID-19 e, por isso, honro a possibilidade de voltar para as escolas sem o distanciamento social, e com uma bagagem de novas técnicas didáticas, utilizando a tecnologia na educação que promovo.

Percebi o quanto as minhas memórias, se refletidas e analisadas, podem melhorar a minha prática profissional e, portanto, continuarei meu processo de formação e renovação. Agora, estou inserindo ferramentas digitais no meu cotidiano profissional sempre avaliando o *feedback* do discente. No diálogo com a equipe e com a avaliação dos discentes, definimos quais os recursos pedagógicos permanecem e quais serão aprimorados ou transformados.

Ao concluir esta narrativa, sei que a pandemia me proporcionou o tempo para criar e a

oportunidade de imersão no trabalho imaterial do docente. Percebo que a aula presencial, no decorrer dos anos, levou-me a um certo comodismo. O susto da pandemia foi importante para me tirar da zona de conforto e escrever o *making of* de minhas videoaulas trouxe à tona um conhecimento novo e ampliado. O *feedback* do olhar do discente fez falta, mas hoje desfruto do olhar de cada um com gratidão por retribuir o que a ausência dele me fez sentir. Estou diferente e gostei do resultado, por isso praticarei meu potencial de criação, revivendo a arte educadora que existe em mim.

Luz! Câmera! Ação!

Agradecimento: este trabalho foi produzido com o apoio do Centro de Educação Profissional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil: #pátriavacinada**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/como-se-proteger>. Acesso em: 15 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 abr. 2023.

CHIECHER, A. C. *et al.* Estratégias de aprendizagem na virtualidade imposta pela pandemia: contribuições para o desenho de contextos de aprendizagem na fase pós-pandemia. **Sapientia: Revista Internacional de Estudos Interdisciplinares**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. e23005, 2023. Disponível em: <https://journals.sapientiaeditorial.com/index.php/SIJS/article/view/606>. Acesso em: 07 abr. 2023.

CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FERREIRA, L. G.; FERRAZ, R. D.; FERRAZ, R. C. S. N. Trabalho docente na pandemia: discursos de professores sobre o ofício. **Fólio - Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 1, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9070>. Acesso em: 08 abr. 2023.

MILL, D. (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papirus, 2018.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Escritório Regional para as Américas. Histórico da pandemia de COVID-19**. Brasília: OPAS, [2020?]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/COVID19/historico-da-pandemia-COVID-19>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PRATA-LINHARES, M. M. *et al.* Social distancing effects on the teaching systems and teacher education programmes in Brazil: reinventing without distorting teaching. **Journal of Education for Teaching**, Oxfordshire, v. 46, n. 4, p. 554-564, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02607476.2020.1800406>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRAUN, J. R. R.; FIALHO, F. A. P.; GOMEZ, L. S. R. Aplicações da criatividade na educação brasileira. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 575-593, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/8417>. Acesso em: 7 abr. 2023.

SIMAS, V. F.; PRADO, G. V. T.; SEGOVIA, J. D. Tornar-se professora: o saber da experiência na pesquisa narrativa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 4, n. 12, p. 991-1004, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5289/pdf>. Acesso em 05 abr. 2023.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 33, n. 2, p. 149-158. 2015. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/149>. Acesso em: 8 abr. 2023.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VILELA, E. G.; BORREGO, C. L.; AZEVEDO, A. B. Pesquisa Narrativa: uma proposta metodológica a partir da experiência. **Revista Estudos Aplicados em Educação**, São Caetano do Sul, v. 6, n. 12, p. 75-84, 2021. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_estudos_aplicados/article/view/8129. Acesso em 05 abr. 2023.

Recebido em 25 de julho de 2023

Aceito em 15 de setembro de 2023